

A influência bantu nas construções de tópico-sujeito: a marcação de posse [DP+DP]

Elaine Alves Santos Melo¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
elainemelo06@gmail.com

Abstract:

This paper discusses if the emergence of construction subject topic is the result of an influence on syntax PB of Bantu languages which have been brought to Brazil during the slavery period. For this, I use empirical and historical arguments that help define a way to this discussion. I present data from PB and all varieties of Portuguese in Africa: Angola, Cape Verde, Guinea Bissau, Mozambique and Sao Tome and Principe.

Keywords: Bantu languages, Brazilian Portuguese, Topic subject, External Possession.

Palavras-chave: Línguas bantu, Português Brasileiro, Tópico sujeito, posse externa.

1. Mas o que é mesmo a posse [DP+DP]?

Os trabalhos acerca da sintaxe do Português Brasileiro (doravante PB) têm gastado imensa tinta nos últimos anos, especialmente, na discussão das semelhanças e diferenças entre o PB e o Português Europeu (doravante PE)². De fato, o que se pode concluir no âmbito geral da sintaxe é que o PB se singulariza em relação ao PE quanto à colocação pronominal, à variação nas formas de tratamento, à ordem dos DPs, à concordância verbal e nominal, entre outros aspectos. Muitos dos trabalhos acerca das distintas construções ora citadas tentam explicar as possíveis origens das diferenças entre a sintaxe do PB e do PE. Nessa linha de raciocínio, há basicamente dois polos de ideias que apontam para justificativas antagônicas: a deriva e o contato linguístico.

¹ Este trabalho foi desenvolvido como parte do meu projeto de Tese de Doutorado junto ao Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento e pesquisa – CNPq – que me concede uma bolsa de doutorado (Processo número: 140493/2013-1) e também pela CAPES que financia por meio de uma bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche - (Processo número: 5894-13-1) – a minha estadia na Universidade Clássica de Lisboa no período de Setembro de 2013 a Agosto de 2014.

² Uso a expressão Português Europeu, neste trabalho, em sentido macro, ou seja, não estou, nesse momento, me detendo às questões de periodizações que tratam como Português Europeu a gramática dos portugueses nascidos a partir do século XIX. Uso essa expressão no sentido de ser a língua portuguesa falada pelos europeus, em oposição à língua portuguesa falada no Brasil e nos países lusófonos da África. Se ao longo do artigo, for necessário discutir questões relacionadas à periodização farei menção ao longo do texto da mudança de ponto de vista. Para maiores leituras acerca das questões de periodização do português, o leitor pode recorrer a Galves (2012), Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), Namiuti (2011), entre outros.

Na pesquisa que ora desenvolvo, faço uso crítico da perspectiva do contato linguístico para tratar de construções que são singulares, em princípio, à gramática do PB, visto ainda não terem sido identificadas em trabalhos acerca da sintaxe do PE. Especificamente, trato de construções em que há a posse [DP+DP]. Essa estrutura é assim definida por Nikolaeva e Spencer (2010), “a posse [DP+DP] é uma estrutura em que ocorre a ausência de um item responsável por marcar ou estipular a relação de adjacência entre o núcleo – o DP [+possuído] - e o termo adjunto – o DP [+possuidor]”. Para caracterizar a construção, os autores destacam que a expressão dos DPs ocorre, em geral, em uma ordem padrão que varia de acordo com a gramática de cada língua. No PB, a posse via justaposição de DPs ocorre em estruturas como (1) que apresentam, em geral, a ordem fixa [possuidor-possuído] e que têm o DP [+possuidor] na posição de sujeito – [Spec-TP] – na posição de tópico - [Spec-CP] – ou na posição de objeto – [Comp-VP], respectivamente, representadas em (1a), (1b-c) e (1d).

- (1) a. [+possuidor] O dente já tá saindo a anestesia [+possuído] [Dentista, Brasil]
 b. [+possuidor] O jogo, [+possuído] o final apitou o juiz.
 c. [+possuidor] Meu celular, [+possuído] o GPS parou de funcionar [Engenheiro Mecânico, Brasil]
 d. E fiz o trajeto até chegá aqui na rua, até chegá na porta [+possuído] igreja, [+possuidor] [Comunidade Quilombola_Milho Verde, Minas Gerais-Brasil, Seu Ivo do Minuto]

No PB, conforme evidenciam os primeiros dados destacados em (1), a posse [DP+DP] ocorre em contextos onde há o alçamento do DP [+possuidor] seja para a posição de sujeito – [Spec-TP] –, (1a), ou para a posição de tópico – [Spec-CP], (1b-c), ou também em contextos em que não ocorre o alçamento do DP [+possuidor], ficando este na posição de [Comp-VP], (1d), (construções em que não há o alçamento do DP [+possuidor] estão restritas ao português de comunidades quilombolas). A variação no sítio de pouso do DP [+possuidor] alçado produz construções sintáticas distintas. Para Brito, Duarte e Matos (2003), a ausência da preposição em sentenças como (2) origina o chamado tópico pendente: “uma variante da topicalização³ típica do modo oral” (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003:501)

- (2) a. [+possuidor] Meu celular_i, [+possuído] o GPS [-]_i parou de funcionar [Engenheiro Mecânico, Brasil]
 b⁴. [+possuidor] O jogo_i, [+possuído] o juiz apitou o final [-]_i

As construções de tópico pendente⁵, segundo as autoras, se caracterizam por apresentar algum grau de sintatização, visto que apresentam um referente no interior da

³ Pontes (1987) define topicalização como o fenômeno em que complementos verbais são movidos para a posição de tópico, sem deixar na posição original – [CompVP] – um elemento de retomada foneticamente expreso.

⁴ Construções como a expressa em (4b) não foram encontradas nas amostras do PB consultadas, entretanto, julgamentos de gramaticalidade apontam que esta é uma estrutura gramatical. Por isso, opto, neste trabalho, por trazer além das sentenças da amostra, outras que possam enriquecer o trabalho a partir dos juízos de gramaticalidade.

sentença que tem o mesmo papel temático do tópico, como podemos ver nos exemplos em (2) em que os DPs “Meu celular” e o “O jogo” – os tópicos em [Spec-CP] – estão coindexados com uma categoria vazia na posição de adjunto adnominal da sentença.

A ausência da preposição pode ocorrer também em um contexto em que o elemento topicalizado tem o seu sítio de pouso na posição de sujeito – [Spec-TP] – como verificamos nos exemplos em (3). De fato, construções como (2) e (3) exibem, em geral, as mesmas propriedades estruturais e se diferenciam, em princípio, apenas pelo sítio de pouso do elemento topicalizado.

- (3) a. [+possuidor]minha filha_i quebrou [+possuído]a perna [-]_i na escola com 5 anos, ninguém a socorreu e a mandaram p casa. [Buscas on line_Brasil]
- b. Por falta de sorte, faltando 7 pcs para terminar a prova, [+possuidor]o celular_i acabou [+possuído]a bateria [-]_i e a partir daí terminamos a prova na intuição. [Buscas on line_Brasil]
- c. [+possuidor]Meu carro_i furou [+possuído]o pneu [-]_i mas não tenho macaco para fazer a troca do pneu furado? Meu vizinho tem um macaco animal devo pegá-lo emprestado para consertar o carro [Buscas on line_Brasil]

A distinção em relação ao sítio de pouso do elemento topicalizado [Spec-CP] ou [Spec-TP] – posição de tópico ou sujeito – faz com que muitos autores classifiquem sentenças como (2) como tópico pendente, e construções como (3) como tópico sujeito⁶. (Pontes, 1987; Galves, 1998; Avelar, 2006). Nas construções de tópico sujeito, segundo Galves (1998), o DP alçado é um tópico que ocupa a posição de sujeito. Em linhas gerais, podem ser destacadas as seguintes características para essas construções.

- ocorrem apenas com verbos inacusativos,
- há o movimento de um sintagma adjunto para a posição de sujeito;
- há concordância entre este sintagma e o verbo, o que para alguns autores (Berlinck, Duarte e Oliveira, 2009) caracteriza o PB como uma língua de proeminência de tópico, pois há concordância entre o tópico e o verbo.
- há a expressão da noção de posse a partir de uma estrutura [DP+DP] em que o termo com traço [+possuidor] é alçado para [Spec-TP].

⁵ Em Brito, Duarte e Matos (2003), encontramos referências de que a construção de tópico pendente ocorre no PE. As próprias autoras ressaltam que apesar de raras são gramaticais sentenças como (i) que exemplificam o tópico-sujeito. Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar que uma das construções de posse [DP+DP] elencadas nesse trabalho e que são encontradas no português de ex-colônias também é gramatical no português europeu.

- (i) a. O gato, a ração acabou.
b. A casa, a janela quebrou.

⁶ Avelar (2009) afirma que construções com inversão locativa, como (i), também podem ser tratadas como tópico-sujeito. Nas sentenças com inversão locativa, o adjunto adverbial “perde” a preposição e é alçado à posição de [Spec-TP] como um DP. Entretanto, neste trabalho, a análise recobrirá apenas casos de alçamento do sintagma genitivo, como os expressos em (ii). Nesses casos, o adjunto adnominal, que checka genitivo, é alçado para a posição de [Spec-TP].

- (i) a. Esses estados chovem muito.
b. Essas igrejas têm muito fiéis.
- (ii) a. O guarda-roupa caiu a porta
b. O Miguel cresceu o dentinho.

Estou, portanto, trabalhando, no PB, com sentenças em que, em geral, ocorre o alçamento do DP [+possuidor]. Mas, é importante ressaltar que foram encontrados, na amostra do português de comunidades quilombolas, oito dados de posse [DP+DP] sem o alçamento do DP [+possuidor], como vemos nos exemplos em (4).

(4) a. que eu gostava sempre de tá sentado perto das pessoas idosa. Justamente pra mim descobrí assim... sabê o que eles falavam... né? Porque...a gente aqui num...num...num conseguimos, eh, pegá... [+possuído]**foto** [+possuidor]**documento** da terra que era o antigo essas coisa [Comunidade quilombola_Jurussaca, Pará, Brasil, Valdeci Raimundo]

b. Não, no estado de Minas existe, eu penso, que três [+possuído]**grupo** [+possuidor]**catopê**. [Comunidade Quilombola_Milho Verde, Minas Gerais, Brasil, Ivo do Minuto]

c. Ele arruma... che... chegô... foi os três carguêro. [+possuído]**A penêra** [+possuidor]**cabaça** que ele serrô, a ca... pênera cabaça... então foi cobra, carangonço, pá nele, mordêro todo...[Comunidade Quilombola_Milho Verde, Minas Gerais, Brasil, Francisco Rodrigues Neves]

A observação das sentenças expressas de (1-4) e do que já foi dito até este momento revela um contexto em que posso tecer algumas considerações importantes. A primeira dessas considerações é a de que: (i) a posse [DP+DP] não é um tipo de estrutura singular ao PB, visto que, em PE, conforme Brito, Duarte e Matos (2003), há uma construção específica em que um adjunto é topicalizado e a preposição que encabeça o PP não faz parte da numeração: o tópico pendente, como em (2); (ii) A segunda consideração é a de que, conforme Costa (2010), construções como o tópico sujeito, em (3), são agramaticais no PE; (iii) construções como (4), que são atestadas apenas em variedades do português de comunidades quilombolas do Brasil, não são gramaticais no PE e nem no Português Vernacular do Brasil; (iv) ao mesmo tempo, construções em que um sintagma possessivo é alçado para a posição de sujeito da sentença e estabelece concordância com o verbo são encontradas em línguas da família bantu que foram levadas para o Brasil durante o período escravocrata, como demonstram os exemplos em (5) do Chichewa retirados de Simango (2007). Portanto, construções como (5) poderiam, em virtude do contato linguístico, ter desencadeado a emergência de uma nova construção no PB.

- (5) a. Mavuto a-na-f-a maso
Mavuto SM-PST-morrer-FV olhos
Mavuto morreu os olhos (Simango, 2007)

Há, portanto, uma discussão a ser feita acerca dos mecanismos que causaram a emergência do tópico sujeito no PB. Esse trabalho, na tentativa de contribuir com mais uma discussão acerca da emergência do tópico sujeito no PB, verificará se no português em África, nas variedades em que também há contato com as línguas banto – Angola e Moçambique – assim como nas regiões em que há escasso contato com essa família de línguas – São Tomé e Príncipe e Cabo Verde – e ainda na região onde não há contato com línguas banto – Guiné Bissau, também há a posse [DP+DP] em construções com

ou sem alçamento do DP adjunto. O trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresento criticamente uma discussão sobre a questão do contato interlinguístico no Brasil colonial e imperial; na seção seguinte, trago os dados, com os resultados e a análise; e, por fim, apresento as considerações finais desse trabalho.

2 O problema: a questão do contato interlinguístico no Brasil do século XIX.

A história da emergência do PB, sem dúvida alguma, se mistura com a história externa do Brasil e o processo de colonização pelo qual o país passou durante quatro séculos. Os relatos do período colonial e imperial brasileiro trazem um retrato de uma sociedade que primeiro escravizou os índios e os aculturou, impondo a eles o idioma da metrópole, e em seguida, fez o mesmo com o negro africano. No que concerne aos aspectos linguísticos, é inegável que o processo sócio-histórico que formou as bases da sociedade brasileira contemporânea também influenciou no que conhecemos hoje como PB. Em especial, trago nessa seção uma visão crítica acerca da relação entre a presença massiva de negros africanos no território brasileiro que precisavam de certa forma se comunicar em português x a presença massiva de falantes do português, seja de origem europeia ou já brasileiros.

Especialmente, em relação a principal construção em estudo nesse artigo – o tópico sujeito – alguns trabalhos (Avelar e Galves, 2013; Avelar e Galves, 2011; Avelar e Cyrino, 2008) têm defendido que o tópico sujeito é resultado de uma transferência direta das línguas banto, faladas no Brasil do século XIX pelos africanos, para o PB. O processo de transferência explicaria o porquê de construções como (3) serem agramaticais no PE, visto que não há historicamente a presença de línguas banto em terras portuguesas. Para Avelar e Galves (2013), as construções de tópico sujeito como (3) e (6a-b), cujas paráfrases são expressas em (6a'-b'), que envolvem, respectivamente, o alçamento para a posição de sujeito de um adjunto adnominal e de um adjunto adverbial podem ser explicadas por meio da hipótese do contato linguístico.

- (6) a. **O meu computador** imprime a etiqueta corretamente
 a'. **No meu computador** imprime a etiqueta corretamente
- b. **A minha escola** aceita cartão de crédito
 b'. **Na minha escola** aceita cartão de crédito.
 (Avelar e Galves, 2013: 113)

“a fixação da possibilidade de concordância locativa (*e com o possessivo*)⁷ no português brasileiro pode ser devida a transferência de padrões sintáticos característicos das línguas bantu, por meio do que trabalhos como os de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) vêm caracterizando como um tipo específico de transmissão linguística irregular” (Avelar e Galves, 2013: 126)

Em primeiro lugar para tratar de uma possível influência banto no PB é preciso fazer indagações acerca das etnias que compunham a população brasileira no período colonial e imperial, mais do que isso é preciso fazer menção a porcentagem de cada um dos

⁷ Grifo meu

grupos étnicos na parcela total da população. A fim de observar esses números, tomo a tabela de Mussa (1991:163) que apresenta as porcentagens de cada grupo étnico da população brasileira no período que vai do final do século XVI ao final do século XIX. Vejamos a tabela 1

| | 1583-1600 | 1601-1700 | 1701-1800 | 1801-1850 | 1851-1890 |
|--------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Africanos | 20% | 30% | 20% | 12% | 2% |
| Negros brasileiros | | 20% | 21% | 19% | 13% |
| Mestiços | | 10% | 19% | 34% | 42% |
| Branco brasileiros | | 5% | 10% | 17% | 24% |
| Europeus | 30% | 25% | 22% | 14% | 17% |
| Índios | 50% | 10% | 8% | 4% | 2% |

Tabela 1: Grupos étnicos da população brasileira do século XVI ao XIX.

Em linhas gerais, a tabela 1 evidencia que, na sociedade brasileira colonial e imperial, há três grandes períodos que marcam a dispersão dos principais grupos étnicos que constituem a população brasileira: o primeiro é aquele em que prevalece a população indígena, ou seja, o período entre 1583 e 1600; enquanto que no segundo período – 1601 à 1800 - a maior parte da população é formada por africanos ou escravos já nascidos no Brasil; e, finalmente, um último período – 1801 à 1890 - em que predomina a população mestiça e branca. Em princípio, a primeira observação que pode ser feita é a de que as línguas indígenas tiveram pouco espaço e tempo para influenciar significativamente o PB. Ainda assim, é inegável a formação de uma língua geral de base tupi que contribuiu significativamente para o léxico do PB. O período em que os indígenas constituem a maior parte da população além de curto corresponde a um espaço temporal em que a colonização ainda era muito incipiente e poucos portugueses tinham imigrado para o Brasil. Esse ainda era, sem dúvidas, um período em que há o português no Brasil em detrimento ao português do Brasil. Prevaleciam as línguas indígenas, mas a disseminação da língua portuguesa já era feita por meio do trabalho dos padres jesuítas. Soma-se à baixa presença portuguesa o fato dos indígenas serem considerados “arredios” e de não estarem dispostos a aprender tão facilmente a língua do colonizador.

O segundo período é aquele em que a colonização do território brasileiro já ganhou força e dada a baixa densidade demográfica da população portuguesa, conforme Nina Rodrigues (2010), foi necessário fazer uso da força escrava. Nesse período – 1601 à 1800 -, a população africana cresce muito e, por consequência, também o número de negros escravizados já nascidos no Brasil. Se no primeiro período destacado, os índices demográficos não permitem apontar para uma forte influência indígena na formação de uma língua brasileira, não se pode dizer o mesmo do segundo período. Entre 1601 e 1800, aproximadamente metade da população residente no Brasil era formada por negros escravizados. A segunda fase que menciono traz uma importante questão para a discussão desse trabalho: o número de línguas que foram levadas para o Brasil. Segundo Nina Rodrigues (2010), além do número infindável de línguas é preciso mencionar também que os grupos étnicos foram distribuídos ao longo da costa brasileira de uma

maneira desigual. Havia áreas onde predominavam escravos de origem banto enquanto que em outras havia misturas de grupos étnicos, mas também áreas onde predominavam outros grupos etnolinguísticos. Segundo Nina Rodrigues (2010), havia no Brasil uma grande massa de escravizados de diversas regiões da África. Na verdade, Angola, Moçambique, Congo, Regalo, Angico e Gabão eram as principais origens dos escravos de Pernambuco. Na Bahia, praticamente não havia escravo banto e predominavam os escravos oriundos do Sudão. Enquanto que no Rio de Janeiro predominavam os escravos vindos do Congo, Moçambique, Angola, entre outros, especialmente, os do grupo banto.

A afirmação de Nina Rodrigues (2010) revela um ponto de vista que precisa ser observado com especial atenção quando pensamos em propor que uma dada construção – tópico sujeito – tenha emergido no PB como uma transferência direta das línguas banto. Ora, o fato é que a infinidade de línguas levadas ao Brasil nos navios negreiros, ainda que pertencentes, majoritariamente, a mesma família linguística, sem dúvida alguma se constituem como gramáticas distintas e, como tal, divergem entre si na interpretação da gramaticalidade de determinadas construções. Em outras palavras, é muito difícil assumir que dentro do conjunto infindável de línguas banto uma construção específica tenha sido “transferida” diretamente para a gramática do emergente PB.

Soma-se à infinidade de línguas e dialetos que desembarcaram no Brasil colonial e imperial a questão de que mediante a essa pequena torre de babel, os escravos passaram a fazer uso na comunicação entre eles de uma língua franca que no Sul do Brasil foi o Kimbundo, enquanto que no Norte, especialmente, na região da Bahia, foi o Iorubá. Ou seja, o escravo ao chegar ao Brasil, se não tivesse como língua materna o kimbundo ou o iorubá precisava além de aprender o português, para se comunicar minimamente com os seus senhores, aprender também o kimbundo para se comunicar com os membros do grupo escravizado.

Destarte, ao desembarcar no Brasil, o negro *novo* era obrigado a aprender o português para falar com os senhores brancos, com os mestiços e os negros crioulos e a língua geral para se entender com os parceiros ou companheiros de escravidão. (Nina Rodrigues, 2010:132)

Nesse sentido, em muitos casos, a língua franca entre os escravos era aprendida como uma L2 ou L3 o que torna ainda mais complicada a assunção de que houve uma transferência direta do tópico sujeito das línguas banto para o PB, pois, em processos de aprendizado de línguas não maternas, principalmente, nos casos em que não há um ensino direcionado e os dados de input são completamente descontínuos é presumível que o aprendizado de certas construções demandará um longo período de tempo e pode, em geral, não atingir um nível de fluência alto. Em outras palavras, o escravo aprendendo o PB como língua segunda ou até terceira tenderia a fazer transferências da sua língua materna, que não necessariamente é o kimbundo. Além disso, a não ser que a sintaxe do português já admitisse tal construção o processo de disseminação do tópico sujeito na sociedade escolarizada sofreria imensa resistência devido a ser esta uma construção marcada por ser oriunda do falar negro. Não parecer ter sido esse o processo sócio histórico que ocorreu na disseminação do tópico sujeito na gramática do PB.

Por fim, trago as figuras 1 e 2 a fim de deixar mais clara a visualização das regiões onde são faladas línguas da família banto, assim como, as regiões da África em que estão localizados os países lusófonos. Respectivamente, há o mapa da África com destaque para os cinco países lusófonos, sendo três na região continental – Angola, Moçambique e Guiné Bissau – e dois em ilhas no Oceano Atlântico – Cabo Verde e São Tomé e Príncipe; e um mapa etnolinguístico que traz as diferentes famílias de línguas presentes no continente africano. Observe, em um primeiro momento, a localização de Angola e Moçambique e note que ambos os países estão na região Niger Congo B onde predominam as línguas da família banto. No que concerne à Guiné Bissau, o outro país lusófono continental, observe que ele se encontra na área onde predominam as famílias linguísticas do grupo Niger Congo A, ou seja, em uma área não banto. Especificamente, em relação aos dois países insulares, é preciso salientar que o processo de colonização dessa região fez com que línguas do grupo banto fossem levadas para essa região e disseminadas em alguns pontos específicos dos respectivos territórios .



Figura 2: Mapa da África



Figura 3: Mapa etnolinguístico da África

Diante das evidências históricas até o momento indicadas que mostram pontos que precisam ser melhor investigados a fim de ser possível afirmar que o tópico sujeito é ou não uma construção oriunda de um processo de transferência das línguas banto para o emergente PB, é necessário verificar se há argumentos empíricos que comprovem ou não o processo de transfer. A fim de investigar a existência de argumentos empíricos, faço uma análise das construções de tópico sujeito, tópico pendente e de posse [DP+DP] em construções sem alçamento do DP [+possuidor] nas cinco variedades do português vernacular das ex-colônias portuguesas em África: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. O objetivo dessa análise é verificar se construções com alçamento do DP [+possuidor] são produtivas nas cinco variedades do português em África, visto que as línguas banto predominam apenas nos territórios de Angola e Moçambique. Nos três países lusófonos restantes em África, ou a presença de línguas banto é restrita à pequenas áreas como é o caso de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, ou não há línguas banto na região como ocorre em Guiné Bissau. Nesse sentido, a hipótese é de que não serão encontrados dados de tópico sujeito e nem de tópico

pendente em São Tomé, Guiné Bissau e Cabo Verde, mas que esta construção se fará presente nas gramáticas do português vernacular de Angola e Moçambique.

3. A posse [DP+DP]: o tópico sujeito, o tópico pendente e as construções de posse [DP+DP] sem alçamento. Uma análise interlinguística

Já tendo sido discutidas as questões sócio históricas que envolvem a possibilidade de uma transferência direta das línguas banto para o PB da posse [DP+DP], passo à análise empírica dos dados de posse [DP+DP] com alçamento, ou seja, nas construções de tópico pendente, tópico sujeito e posse [DP+DP] sem alçamento que constituem a amostra dessa pesquisa⁸. Para tecer a análise, primeiramente, trago a distribuição dos dados, mostrando que o tópico sujeito está presente em todas as variedades do português em África, assim como a construção de posse [DP+DP] sem alçamento. Em seguida, mostro algumas diferenças sintáticas que permeiam a construção de posse [DP+DP] com e sem alçamento, indicando que, na verdade, estamos diante de dois processos distintos. O primeiro envolve o alçamento do DP [+possuidor] seja para a posição de tópico ou para a posição de sujeito. Já o segundo não envolve o alçamento e há a possibilidade não apenas de expressar a posse via justaposição de DPs, mas também de expressar outras noções semânticas que não permitem o alçamento do DP adjunto para a posição de sujeito. O segundo processo seria, diferentemente do primeiro, um caso de interlíngua. Portanto, está envolvido no processo de aquisição do português como língua não materna. Finalmente, apresento alguns dados de tópico pendente do Português Clássico (século XVI ao XVII) e no Português Europeu (a partir do século XVIII) (Galves, Namiuti e Paixão de Sousa, 2006). Vejamos, então, a análise.

O primeiro ponto a ser destacado é que a pesquisa revelou que o tópico sujeito, diferentemente do que apontavam pesquisas acerca da sintaxe do PB, não é uma estrutura restrita ao PB nas línguas românicas. São produtivas sentenças com tópico sujeito nas cinco variedades do português em África. Em todas as variedades vernaculares do português em África o tópico sujeito tem a mesma estrutura da construção identificada por Pontes (1987) no PB, ou seja, apenas ocorre com verbos inacusativos, há o movimento de um sintagma adjunto para a posição de sujeito, há a concordância entre o DP adjunto e o verbo e há a expressão da noção de posse a partir de uma estrutura [DP+DP] em que o termo com traço [+possuidor] é alçado para a posição de sujeito - [Spec-TP]. Em (7), apresento sentenças de tópico sujeito nas seis variedades do português de ex-colônias portuguesas com as quais trabalho. Observe ainda os dados em (8) em que são apresentadas as sentenças com tópico pendente.

⁸ A amostra desse trabalho é constituída por dados de textos escritos e orais das seguintes variedades do português: português brasileiro, angolano, moçambicano, de Cabo Verde, de Guiné Bissau e de São Tomé e Príncipe. Os dados foram coletados em cinco fontes distintas.

- Corpus de Referência do Português Contemporâneo;
- Corpora da Cátedra da Universidade Eduardo Mondlane;
- Corpora do projeto Levantamento etnolinguístico de comunidades afro-brasileiras de Minas Gerais e Pará
- Dados recolhidos em buscas on line no site de pesquisa Google
- Dados orais observados durante conversas espontâneas.

- (7) a. Pensado e feito **o amigão quebrou uma das pernas**. Ao que nos obriga o álcool. [CRPC_jornal, Angola]
- b. Antes nós tinha uma Mercedes... aí virou ... hoje nós estamos assim. **O caminhão bateu o motor** e ta ficando difícil a situação [Buscas on line_youtube, Brasil]
- c. **O piloto quebrou a clavícula**, fraturou o crânio e sofreu duas paradas cardíacas. "Foi uma fatalidade. Estou muito triste"[Buscas on line_Cabo Verde]
- d. **A acácia murchou as pétalas** [CRPC_Livros, Guiné Bissau]
- e. tou aqui na feira do Hulene, **machimbombo furou pneu** [Busca on line_youtube, Moçambique]
- f. **A lambreta Damião furou o pneu** [Buscas on line_São Tomé e Príncipe]
- (8) a. sabe **aquela dona gordinha**, q morou aqui do lado um tempão? uma q a Elvira chamava de tia? então, **o filho** morreu.. [Fala espontânea_Dona de Casa,Brasil]
- b. **O ovo... o ovo** não tá escrito **na embalagem** quanto tempo faz, como faz, né" [Buscas on line, Brasil]
- c. **Meu celular, o GPS** parou de funcionar [Fala espontânea_Engenheiro Mecânico, Brasil]
- d. Passei por lá estes dias e a terra continua tomando conta da cidade, **o hospital** ainda falta terminar **a reforma**, o saneamento básico precisa ser acelerado, etc.....[Fala espontânea_professor, Brasil]

No que concerne, especificamente aos dados em (8), é preciso ressaltar que na recolha de dados do português em África em textos escritos e em entrevistas não foram encontrados dados de tópico pendente. Além disso, os dados de tópico sujeito são muito escassos apesar de terem sido encontrados em todas as variedades. Observe, na tabela 2, que os resultados percentuais das variedades do português em África indicam uma variação entre a construção de tópico sujeito e a construção de posse [DP+DP] sem alçamento. No que concerne, aos resultados do PB, é preciso mencionar que há na amostra dados do português falado em comunidades quilombolas e dados do português brasileiro vernacular. Essa diferenciação nas variedades do PB é ressaltada a partir dos resultados que mostram que apenas nas comunidades quilombolas foram encontrados dados de posse [DP+DP] sem alçamento, enquanto que no PB vernacular, há uma variação na construção de posse [DP+DP], mas apenas dentro das construções com alçamento do DP [+possuidor]: tópico sujeito e tópico pendente.

| | Angola | | Brasil - Vernáculo | | Brasil - Quilombos | | Cabo Verde | | Guiné Bissau | | Moçambique | | São Tomé e Príncipe | |
|-----------------------------|--------|-----|--------------------|-----|--------------------|------|------------|------|--------------|-----|------------|-----|---------------------|-----|
| | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % | N | % |
| Tópico sujeito | 2 | 67% | 22 | 88% | 0 | 0% | 2 | 100% | 1 | 25% | 2 | 18% | 3 | 12% |
| Tópico pendente | 0 | 0% | 3 | 12% | 0 | 0% | 0 | 0% | 0 | 0% | 0 | 0% | 0 | 0% |
| Posse [DP+DP] sem alçamento | 1 | 33% | 0 | 0% | 8 | 100% | 0 | 0% | 3 | 75% | 9 | 82% | 22 | 88% |
| Total | 3 | | 25 | | 8 | | 2 | | 4 | | 11 | | 25 | |

Tabela 2: Distribuição geral dos dados por tipo de construção e variedade do português

Uma questão que é fundamental de ser tratada nesse trabalho é, se de fato, estou trabalhando com dois tipos de construções – a posse [DP+DP] com alçamento e a posse [DP+DP] sem alçamento – que estão em variação. Em outras palavras, é preciso observar se nos mesmos contextos em que há a construção A também há a construção B. Nesse sentido, é importante verificar que havendo a ausência da preposição “de” na numeração (CHOMSKY, 1998) o único tipo de construção em que pode ocorrer o tópico sujeito é se houver a expressão de uma relação de posse entre os dois DPs. Vejamos as sentenças em (9) e (10) a fim de que fique mais clara essa observação.

- (9) a. **O dente já tá saindo a anestesia** [Fala espontânea_Dentista, Brasil]
 b. José Simão da equipe de articulistas Páscoa animada! Mulher usa cueca, **Ruth Cardoso quebra o braço**, o marido quebra o país e a Carmen Mayrink Veiga quebra geral! A falida mais falada do país! [CRPC_Revista, Brasil]
 c. **A lambreta Damião furou o pneu** [Buscas on line, São Tomé e Príncipe]
- (10) a. sabe **aquela dona gordinha**, q morou aqui do lado um tempão? uma q a Elvira chamava de tia? então, **o filho** morreu.. [Fala espontânea_Dona de Casa,Brasil]
 b. **O ovo... o ovo** não tá escrito **na embalagem** quanto tempo faz, como faz, né" [Buscas on line, Brasil]
 c. **Meu celular, o GPS** parou de funcionar [Fala espontânea_Engenheiro Mecânico, Brasil]
 d. Passei por lá estes dias e a terra continua tomando conta da cidade, **o hospital** ainda falta terminar **a reforma**, o saneamento básico precisa ser acelerado, etc.....[Fala espontânea_professor, Brasil]

Dadas as sentenças em (9) e (10) que exemplificam, respectivamente, o tópico sujeito e o tópico pendente é possível verificar a afirmação de que essas construções só ocorrem quando o DP alçado expressa uma relação de posse a partir das paráfrases apresentadas em (11) e (12). Observe que em todas as paráfrases há a expressão de uma relação de parte-todo que ora resulta em uma posse inalienável como em (11b) e (12a) e em outras vezes em uma posse meronímica como em (11a, c) e (12b-d). Em todas as sentenças, o DP alçado, nas sentenças (9-10) é sempre aquele que em (11-12) é antecedido pela preposição “de” e que, além disso, expressa a relação de [+possuidor].

- (11) a. Já está saindo a anestesia do dente
b. Quebrou o braço da Ruth Cardoso
c. Furou o pneu da lambreta Damião.
- (12) a. O filho daquela dona gordinha morreu
b. Não tá escrito na embalagem do ovo quanto tempo faz, como faz, né?
c. O GPS do meu celular parou de funcionar
d. A reforma do hospital ainda falta terminar.

Em oposição, a gramaticalidade das sentenças expressas em (9-10) e nas paráfrases em (11-12), as sentenças em (13) em que não há uma relação de posse, mas há o alçamento do sintagma que na paráfrase expressa em (14) é encabeçado por uma preposição “de”, não são gramaticais.

- (13) a. *O couro, a bola caiu na casa da vizinha
b. * A mesa furou a faca a criança
c. *O menino furou a bola
- (14) a. A bola de couro caiu na casa da vizinha
b. A faca de mesa furou a criança
c. Furou a bola do menino

A agramaticalidade dos exemplos em (13a-c) confirma que as construções de tópico sujeito e tópico pendente não podem ocorrer se o DP alçado para a posição de sujeito não tiver o traço [+possuidor]. Observe que a paráfrase expressa em (14a-b) para as sentenças em (13a-b) indica “de couro” e “de mesa” correspondem, respectivamente, ao tipo de material e ao tipo instrumento, mas não a uma relação de posse. Por outro lado, a sentença (13c), parafraseada em (14c), só pode ser gramatical no PB se for interpretada com o DP “o menino” tendo o papel temático de agente. Nesse caso, não estamos diante de uma construção com tópico sujeito que prescinde de um DP na posição de sujeito com o papel temático de paciente. Há, portanto, evidências empíricas de que nas construções em que há alçamento só pode ser alçado o DP [+possuidor].

Por outro lado, existem as sentenças em que não há o alçamento do DP ainda que exista uma relação estabelecida entre dois DPs justapostos como exemplificam os dados em (15). Nas sentenças em (15), apenas em (15a), há dois exemplos de uma relação de posse inalienável que ora pode aparecer em uma ordem [+possuidor +possuído] e em outros momentos em uma ordem [+possuído + possuidor]. Além dos exemplos em (15a) são possíveis construções que podem ser interpretadas como uma relação parte todo, como por exemplo, a greve de uma parte do grupo de trabalhadores de uma sociedade, ou uma parte do Estado de Portugal onde é falada a língua X. Entretanto, há dados como (15d) que são semelhantes aos casos exemplificados em (13) em que não há uma relação de posse inalienável ou meronímica, mas a expressão de um tipo de material ou comida. Em casos como (15d) é agramatical a formação de um tópico sujeito ou tópico pendente.

(15) a. Já vi problemas de --- por causa de **amigos invejas**. Foi por causa de **invejas mulher** também. Era o meu amigo então o outro meu amigo tinha manias de provocar a namorada dele então de repente andou lhe a pegar a provocar a bater então de repente meu colega meu amigo ficou zangado começaram a lutar lutaram lutaram chegou meu irmão separou a eles. [EDM_Redação, Terceira classe, Moçambique]

b. **Greve professores** [Buscas on line_youtube, São Tomé e Príncipe]

c. os musseques ok no fundo isso corresponde sociologicamente aquilo que se passa noutros países ok favelas guetos conforme **a zona língua** em Portugal por exemplo falam em barracas não é? bairros de barracas XX cai qualquer coisa não se percebe ok eh – mas para além da da questão da urbanização que nós temos aqui nas grandes cidades – quando saímos da cidade para o interior existem as vilas – para além das vilas o que que existe mais [CRPC_Tjerk, São Tomé e Príncipe, Maria Cesar Quiaxi]

d. Vou no bazar comprar rajá, cebola, azeite, alho, **massa tomate**, pimenta, arroz, vir em casa lavar peixe lavar tomate cebola também lavar agora pimento cortar pôr levo óleo agora pôr no fogão ferver levar coco ralar tirar água pôr começa a mexer ferve levo peixe pôr até ferver agora levar peixe pôr. [EDM_Redação, Terceira classe, Moçambique]

Posso, então, assumir que o fenômeno linguístico envolvido nas sentenças em (9-10) e (15) têm origem em contextos diferentes. Não há variação entre essas construções. Na verdade, o que a tabela 2 mostra é a expressão de duas construções diferentes. A primeira, a construção que envolve o alçamento do DP [+possuidor], é um caso de movimento de DPs para uma posição mais alta na estrutura da sentença por razões de estrutura informacional, nos casos de tópico pendente, ou por razões estruturais, como no tópico sujeito, já que o DP alçado vai ocupar a posição de [Spec-TP] de um verbo inacusativo. Por outro lado, a segunda construção, aquela em que pode haver a inversão da ordem canônica dos DPs, mas não há o alçamento, como em (15) constitui exemplo de um processo distinto: a chamada interlíngua, ou seja, uma parte do processo de aquisição de L2.

A afirmação de que exemplos como (15) são resultado do processo de interlíngua torna-se mais forte quando verificamos que as variedades africanas do português são todas, majoritariamente, línguas não maternas aprendidas nas escolas (Gonçalves e Chimbutane, 2004; Inverno, 2004; Hagemeyer, 2008; Alexandre e Hagemeyer, 2013). Esse processo de interlíngua é ainda mais claro quando observamos que a expressão da até então chamada “posse [DP+DP] sem alçamento”, no PB, está restrita às comunidades quilombolas, especialmente, na gramática dos mais velhos. Ou seja, em contextos em que o PB foi aprendido em um processo de aquisição de L2.

No que concerne ao português da África, apenas as amostras de Moçambique e São Tomé e Príncipe me permitiram fazer um controle da escolaridade dos informantes. O controle do fator escolaridade é importante à medida que as crianças em África aprendem o português nos bancos escolares, portanto, por hipótese, quanto maior a escolaridade mais próxima à norma lusitana o falar desses cidadãos estará. A grande questão é que construções como (15) são agramaticais no português europeu e, portanto,

são corrigidas ao longo do processo de aprendizagem da língua portuguesa. Vejamos, então, os resultados acerca da influência da escolaridade na construção sem a preposição “de” em que não há o alçamento do DP adjunto, considerando apenas os dados de São Tomé e Príncipe⁹. Considere na observação o fato do sistema de ensino de São Tomé e Príncipe ser dividido em ensino básico e secundário, e por sua vez, estes são também segregados em primeiro e segundo ciclo.

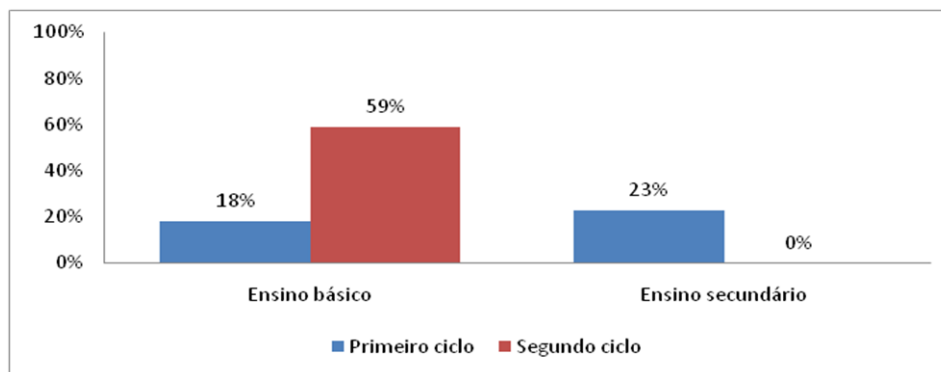


Gráfico 1: A influência da escolaridade no português de São Tomé e Príncipe na expressão de relações sem a preposição “de” e sem o alçamento do DP adjunto: “massa tomate”

No gráfico 1, nota-se que construções como (15), ou seja, aquelas em que não há o alçamento do DP, ocorrem mais frequentemente na fala de são tomenses que têm apenas o ensino básico incompleto ou concluído. Considerando o tempo de escolaridade, encontramos 77% dos dados em informantes com até 6 anos de escolaridade. Em oposição a esse quadro, no ensino secundário só foram encontrados dados como (15) em informantes que concluíram apenas o primeiro ciclo dessa fase, ou seja, estudaram até no máximo o nono ano.

Os resultados apontam que quanto maior a escolaridade menor a frequência de realização de construções em que os DPs estão justapostos, em contextos nos quais a norma culta utiliza uma preposição para realcionar os DPs, seja expressando posse ou outras noções semânticas. Uma questão que esse resultado levanta é o fato de o português nas variedades africanas ser basicamente uma língua não materna, uma L2, apesar de ser a língua oficial do Estado. Por ser a língua oficial, o português acaba por

⁹ A divisão do Ensino básico e do Ensino secundário em primeiro e segundo ciclo foi estabelecida com base na legislação vigente em São Tomé e Príncipe desde 2003 a qual divide os anos de escolaridade em ciclos. O ensino básico, considerado obrigatório, é composto por um período que vai da primeira até a sexta classe.

| | | |
|-------------------|----------------|--------------------------------|
| Ensino Básico | Primeiro Ciclo | Primeiro ao terceiro ano |
| | Segundo Ciclo | Quarto ao sexto ano |
| Ensino Secundário | Primeiro Ciclo | Sétimo ao nono ano |
| | Segundo Ciclo | Décimo ao décimo segundo ano |
| Ensino Superior | Politécnico | Em geral, três anos |
| | Universitário | Em geral, quatro ou cinco anos |

(Estrutura do sistema de ensino de São Tomé e Príncipe, Lei n 2/2003)

É preciso ressaltar que, sendo o ensino secundário não obrigatório, muitos estudantes o pulam e vão direto aos cursos do Ensino superior no nível politécnico que possibilitam ter uma profissão e entrar no mercado de trabalho.

ser ensinado nas escolas e conseqüentemente quanto maior o tempo de escolarização, maior a proximidade com o modelo do português lusitano que é trabalhado nas escolas. Dessa maneira, como não há a ausência da preposição “de” no Português Europeu, a tendência é que a correção do “erro”, que é causado pela ausência da preposição nas variedades africanas, atinja maior sucesso nas últimas classes do ensino secundário. Esse é exatamente o resultado que encontro na amostra de São Tomé e Príncipe. Em oposição ao quadro das construções em que os DPs estão justapostos, mas não há uma relação de posse e nem o alçamento, a posse [DP+DP] com alçamento, ou seja, aquela que produzirá o tópico sujeito, como nas sentenças em (16), ocorre em jornais, revistas, livros, o que indicia que esta é uma construção que não é tão marcada na língua e, portanto, permite que menos exercícios sejam feitos a fim de que a estrutura seja corrigida de acordo com as normas do PE.

- (16) a. **A lambreta Damião furou o pneu** [Buscas on line, São Tomé e Príncipe]
 b. Um dia, [**o céu** caiu no mar **todas as estrelas**] [Buscas on line_São Tomé e Príncipe]

Além de toda a argumentação acima apresentada que demonstra haver o tópico sujeito em todas as variedades africanas do português inclusive naquelas que não têm contato com as línguas banto, é preciso salientar que trabalhos como os de Gibrail (2010) e Duarte (1987) apontam a presença do tópico pendente, respectivamente, no português clássico e no português europeu moderno. Gibrail (2010) em um trabalho acerca das estruturas de tópico e foco no Português Clássico e no Português Europeu mostra que nessas duas gramáticas do português lusitano havia/há construções de tópico pendente. É fato, entretanto, que não há indícios de que a construção de tópico sujeito tenha sido registrada na variedade europeia do português. Nesse sentido, a presença de construções de tópico pendente como (17) e (18) em textos de autores portugueses nascidos, respectivamente, nos séculos XVI e XVIII não poderia ser em princípio um argumento contra a hipótese de que o tópico sujeito é, no PB, uma construção resultante da influência banto.

Nas construções de tópico pendente exemplificadas em (17) e (18), observe que há sempre uma retomada por um clítico “lhe” que exprime o dativo de posse, (17a) (18a-b), ou por outro pronome que pode ser pessoal do caso reto contraindo com a preposição “de”, como em (17b) ou um pronome possessivo como em (18a). Para Gibrail (2010), construções como as expressas em (17) e (18) são casos de tópico pendente que envolvem estruturas com deslocamento à esquerda. Ou seja, elas não são casos de um movimento (*move*) de um DP para a posição de [Spec-CP], mas sim estruturas em o DP é concatenado (*merge*) na posição de [Spec-CP], tendo um referente interno à oração.

- (17) a. **A Rainha**, que ia algumas jornadas diante, deram-*lhes* **as dôres do parto** de noite. (Diogo do Couto, 1542)
 b. **A tenção do governador mandar Mealecan pera Cananor**, não achamos dela **a certeza**. (Diogo do Couto, 1542)
 (GIBRAIL, 2010:210)

- (18) a. **Os patetas dos criados** deu-*lhes* para não me querer despertar quando veio o *seu* **recado** (Almeida Garrett, 1799)
 b. E **o desgraçado** tremiam-*lhes* **as pernas** e sufocava-o a tosse (Almeida Garrett, 1799)

(Gibrail, 2010:213)

Ao olhar a estrutura de sentenças como (17) e (18), ainda que saibamos que estas são construções com deslocamento à esquerda do tópico pendente, é importante observar também as semelhanças destas com construções como (19), em que não há um deslocamento à esquerda do tópico pendente, mas há a topicalização de um DP que expressa posse, mas que não carrega a preposição que estabelece essa relação, tal qual ocorre nas sentenças em (17) e (18). Há, nos exemplos de (17-19), dados que indicam a ausência da preposição seja ela dativa ou genitiva, o alçamento do DP adjunto e a manutenção da relação de posse, como pode ser verificado com as respectivas paráfrases expressas em (20-22).

- (19) a. sabe **aquela dona gordinha**, q morou aqui do lado um tempão? uma que a Elvira chamava de tia? então, **o filho** morreu.. [Fala espontânea_Dona de Casa, Brasil]
 b. **O ovo... o ovo** não tá escrito **na embalagem** quanto tempo faz, como faz, né" [Buscas on line, Brasil]
 c. **Meu celular, o GPS** parou de funcionar [Fala espontânea_Engenheiro Mecânico, Brasil]
 d. Passei por lá estes dias e a terra continua tomando conta da cidade, **o hospital** ainda falta terminar **a reforma**, o saneamento básico precisa ser acelerado, etc.....[Fala espontânea_professor, Brasil]

- (20) a. A *Rainha*, que ia algumas jornadas diante, deram-*lhes* **as dôres do parto da rainha** de noite. (Diogo do Couto, 1542)
 b. A *tenção do governador mandar Mealecan pera Cananor*, não achamos dela **a certeza da tenção do governador mandar Mealecan pera Cananor**. (Diogo do Couto, 1542)

(Adaptado de Gibrail, 2010: 210)

- (21) a. *Os patetas dos criados* deu-*lhes* para não me querer despertar quando veio o *seu* **recado dos patetas dos criados** (Almeida Garrett, 1799)
 b. E *o desgraçado* tremiam-*lhes* **as pernas do desgraçado** e sufocava-o a tosse (Almeida Garrett, 1799)

(Adaptado de Gibrail, 2010:213)

- (22) a. sabe *aquela dona gordinha*, q morou aqui do lado um tempão? uma que a Elvira chamava de tia? então, **o filho daquela dona gordinha** morreu.. [Fala espontânea_Dona de Casa,Brasil]
 b. *O ovo... o ovo* não tá escrito **na embalagem do ovo** quanto tempo faz, como faz, né" [Buscas on line, Brasil]

c. *Meu celular, o GPS do meu celular parou de funcionar* [Fala espontânea_Engenheiro Mecânico, Brasil]

d. *Passei por lá estes dias e a terra continua tomando conta da cidade, o hospital ainda falta terminar a reforma do hospital, o saneamento básico precisa ser acelerado, etc.....*[Fala espontânea_professor, Brasil]

Construções como as expressas em (17-19) são segundo Payne e Barshi (1999) chamadas de “external possession”. Tais estruturas se caracterizam por apresentarem uma relação semântica entre os constituintes que codificam as informações de possuído e possuidor expressa em uma ordem descontínua. Ou seja, em posições hierárquicas distintas. Nessa construção o termo [+possuidor] exerce uma relação gramatical distinta da expressa pelo termo [+possuído]. Essa relação pode ser semântica como um tópico ou mesmo sintática como a relação gramatical de sujeito (Payne e Barshi, 1999). Segundo os autores, construções com “external possession” podem ainda apresentar casos em que o DP [+possuidor] tem uma cópia na forma de pronome tônico ou clítico no interior do DP onde está o DP [+possuído]. Essa é a estrutura das construções de deslocamento à esquerda do tópico pendente exemplificadas em (17-18) que correspondem a dados do Português Clássico e do Português Europeu moderno.

Nesse sentido os dados de tópico sujeito que encontramos em todas as ex-colônias africanas de Portugal e no Brasil também exemplificam casos de “external possession”, visto serem estruturas que correspondem à descrição expressa por Payne e Barshi (1999). Ou seja, em sentenças como (23), o DP [+possuidor] exerce a função de sujeito, mas não deixa de estabelecer com o DP [+possuído], que está na posição de objeto, uma relação de posse.

(23) a. [+possuidor]Benicio Del Toro, que ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante por Traffic quebrou [+possuído]o pulso ao cair mal. [CRPC_jornal, Angola]

b. “[+possuidor]Meu irmão quebrou duas vezes [+possuído]o fêmur, não sei se vai poder voltar a montar”, conta José Mariano de Oliveira, peão que está em segundo lugar no ranking dos rodeios de cavalos, com seis carros e sete motos [CRPC_Revista, Brasil]

c. [+possuidor]O piloto quebrou [+possuído]a clavícula, fraturou o crânio e sofreu duas paradas cardíacas. "Foi uma fatalidade. Estou muito triste"[Buscas on line_Cabo Verde]

d. [+possuidor]A acácia murchou [+possuído]as pétalas [CRPC_Livros, Guiné Bissau]

e. O Limpopo também subiu porque [+possuidor]duas barragens na RAES abriram [+possuído]as comportas [CRPC_jornal, Moçambique]

f. Um dia, [+possuidor] o céu caiu no mar [+possuído]todas as estrelas [Buscas on line_São Tomé e Príncipe]

Por fim, posso então assumir que o tópico pendente com ou sem deslocamento à esquerda e o tópico sujeito são variações da mesma construção, ou seja, construções em que há uma “external possession” (Payne e Barshi, 1999). Nesse sentido a presença do tópico pendente com deslocamento à esquerda, portanto da “external possession”, no

português clássico, aquele que foi levado para o Brasil no início da colonização, e no português europeu, aquele que de fato foi levado para a África no período da colonização desse território (século XIX) e a constatação de que neste tipo de estrutura o DP pode ocupar a posição de sujeito ou tópico são fortes indícios de que o tópico sujeito não emerge nas variedades coloniais do português via contato com as línguas banto, mas sim por um processo de mudança linguística em que uma construção que estava restrita no português clássico e no português europeu a casos de concatenação do DP [+possuidor] na posição de tópico passa a admitir nas variedades coloniais do português que o DP [+possuidor] ocupe a posição de sujeito da sentença.

4. Considerações Finais.

Os resultados iniciais apontam para o fato de que o tópico sujeito não emerge no PB por um processo de transferência de uma matriz oracional banto para o PB. As evidências por ora apresentadas percorrem caminhos empíricos e históricos os quais são: o tópico sujeito está presente em no português de Guiné Bissau, uma região que não tem contato com as línguas banto; há a construção de “external possession” no português clássico, a gramática que foi levada para o Brasil e com a qual o PB apresenta diversas semelhanças; por fim, infinidade de línguas transplataadas para o Brasil no período colonial e imperial e a política de distribuição constituem outros argumentos a favor de que uma transferência direta de um tipo de construção da família de línguas banto para o PB é difícil de ter ocorrido.

5. Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, N. & HAGEMEIJER, Tjerk. (2013). [Estratégias de relativização de PPs no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português](#). In D. Moura & M. Sibaldo (eds.). *Para a História do Português Brasileiro – Volume III: Sintaxe Comparativa entre o Português Brasileiro e Língua Crioulas de Base Lexical Portuguesa*, Tomo IV, Maceió: EDUFAL, 49-71
- AVELAR, J. e [CYRINO, Sonia](#). (2009) Locativos em posição de sujeito: línguas bantas e português brasileiro. In: Maria Aparecida Torres Moraes; Maria Lúcia C. V. de O. Andrade. (Org.). *História do Português Paulista*. Campinas: Publiel/Fapesp, v. II, p. 218-249.
- AVELAR, J. e GALVES, C. (2011) Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. *Textos Seleccionados 2010 - XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, v. , p. 49-65.
- AVELAR, Juanito e GALVES, Charlotte. (2013). Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In D. Moura & M. Sibaldo (eds.). *Para a História do Português Brasileiro – Volume III: Sintaxe Comparativa entre o Português Brasileiro e Língua Crioulas de Base Lexical Portuguesa*, Tomo IV, Maceió: EDUFAL, 101-132
- AVELAR, Juanito. (2006). Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro. Tese de doutoramento, Instituto de estudos da linguagem – Unicamp.

- DUARTE, Inês (1987). A construção de Topicalização na Gramática do Português: regência, ligação e condições sobre o movimento. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- GALVES, C. M. C. (2012) Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; RIBEIRO, Silvana; SOLEDADE; Juliana; ALMEIDA, Ariadne. (Org.). ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: Edufba, v. , p. 74-88.
- [GALVES, C. M. C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C.](#); NAMIUTI, C.. (2006) Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: Annette Endruschat; Rolf Kemmler; Barbara Schafer-Prie t.. (Org.). Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch. Tübingen: Calepinus Verlag, v. , p. 45-75.
- GALVES, Charlotte. (1998) A Gramática do Português Brasileiro. In. Línguas e Instrumentos Linguísticos, nº. 1, 79-98. São Paulo, Pontes.
- GIBRAIL, Alba. (2010). Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- GONÇALVES, Perpétua e CHIMBUTANE, Feliciano. (2004). O papel das línguas bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais. Papi 14, pp 7-30.
- GUY, Gregory. (2005). A questão da crioulação no português do Brasil. In: ZILLES, A. M. S. Estudos de variação linguística e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- HAGEMEIJER, Tjerk. (2008). Languages in São Tomé and Príncipe. In K. Becker, *Bradt travel guide for S. Tomé e Príncipe*, 20-21.
- INVERNO, Liliane. (2004). Português Vernáculo do Brasil e português vernáculo de Angola: reestruturação parcial x mudança linguística. In: M. Fernandes-Ferreiro, M. Fernandez e N. Vasquez (org). Los criollos de base ibérica. ACBLPE 2003. Madrid: Iberoamericana, pp. 200-213.
- LUCCHESI, Dante.(2003). O conceito de „transmissão linguística irregular“ e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). Português brasileiro: contacto linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: Letras. p. 272-284.
- NAMIUTI, C. (2010) Interpolação, negação e mudança: pistas de três gramáticas na diacronia do português. Estudos da Língua(gem) (Impresso), v. 8, p. 41-53.
- MUSSA, A. B. N. (1991). O papel das línguas africanas na história do português do Brasil. Mestrado em Linguística – FL/UFRJ
- NIKOLAEVA, Irina, and ANDREW, Spencer. (2010) The Possession-modification scale : a universal of nominal morphosyntax. Unpublished Ms. SOAS/University of Essex.
- NINA GONÇALVES, Raimundo. (2010). Os africanos no Brasil. Centro Edeistein de Pesquisas sociais, Rio de Janeiro.
- PAYNE, Doris L and BARSHI, Immanuel (org). (1999). External possession. John Benjamins Publishing, Amsterdã.
- PONTES, Eunice. (1987). O tópico no português brasileiro. Campinas: Pontes.